



Sr. Enrico de Vettori

é gerente sênior da área de Consultoria Empresarial da Deloitte. E-mail: enricovettori@deloitte.com

Os diversos prismas da inflação na saúde

livro “Redefining Health Care”, analisa justamente as razões que levam à inoperância da competição dentro do sistema de saúde. Isto é, contrariando a história da economia, que afirma ser a rivalidade no setor privado um dos principais propulsores de melhorias na qualidade e nos custos dos produtos e serviços. Essa é uma tendência mundial que pode ser explicada pelos motivos a seguir.

Antecipar diagnóstico é necessário. Mas existe um exagero, e até desperdício, quando se há um uso desenfreado da tecnologia por parte dos médicos. Sem dúvida, a consolidação desses métodos diagnósticos colabora com esse crescimento. Entretanto, a alta ocorrência de ações judiciais contra esses profissionais faz com que o médico comece a se documentar mais, a fim de se proteger num caso de possível litígio devido à existência de uma legislação extremamente protetora do consumidor. De acordo com estudo sobre os EUA, por exemplo, em dois anos dobrará o número absoluto de tomografias e ressonâncias magnéticas naquele país.

Aqui no Brasil, a situação é diferente, mas não menos nociva para os negócios de saúde. Existem muitas faculdades de medicina jogando no mercado profissionais pouco experientes. Mais de 50% da equipe médica que atua na emergência é composta por estagiários e residentes com menos de dois anos de formado. Isso faz com que eles por inexperiência e insegurança, também solicitem exames básicos desnecessariamente. Essa é uma das portas de entrada do custo da saúde que precisa, com urgência, ser fechada.

Mais do que tratar da questão do médico que quer se precaver e da inexperiência do jovem profissional de saúde, é preciso buscar um caminho para solucionar o real problema do modelo vigente.

No modelo atual, o paciente possui uma espécie de cheque em branco do plano de saúde. Com isso, abrem-se as portas mais uma vez para a ampliação dos custos. Hoje, já contamos com planos que exigem a co-participação, em que o paciente paga uma parcela da consulta,

exame, ou do procedimento. Esse fator regulador desestimula os excessos e inibe o uso sem critério. Um outro estágio mais avançado desse modelo é possível. Seria viável, por exemplo, fazer a liberação da co-participação desde que o paciente utilizasse o caminho de centrais de regulação das operadoras. Dessa forma, ele buscaria o direcionamento correto o que também contribuiria sensivelmente ao estímulo de reduzir custos.

Efeito colateral da inflação: sobe o custo e qualidade cai

Os planos e as operadoras, pressionados pelos altos custos administrativos e da sua produção médica, acabam por exigir uma tabela inferior de preços. Num primeiro momento se imagina reduzir custos na sua carteira, entretanto, cria-se uma armadilha em que a “resolutividade”, ou seja, a qualidade efetiva do tratamento da doença cai e, inevitavelmente, esse paciente necessitará voltar ao sistema com um problema numa fase mais complexa devido a um diagnóstico tardio ou a uma baixa eficiência, eficácia e efetividade do tratamento.

É possível reduzir custos de maneira efetiva e controlar ao mesmo tempo o problema inadmissível da inflação na saúde. Mas antes é preciso colocar ordem na casa e rever as falhas no modelo existente. Aqui estão sendo abordados apenas alguns pontos. A saúde é em si muito complexa para se tentar sugerir modelos e soluções de maneira simplista. Entretanto, acredito e indico o caminho da governança no setor de saúde. Com ela, pode-se aumentar o nível de profissionalização e gestão, utilizando-se de ferramentas como a tecnologia para gerar informações que colaborem com a tomada de decisão e coloquem de um só lado pacientes, médicos, prestadores e fontes pagadoras. Isto, de forma que, o atual e perverso modelo não inviabilize as operadoras, desmonte a rede de prestadores e deixe a população desassistida. Sem falar no profissional médico que vê seus honorários minguaem a cada dia.

Hoje a inflação na área da saúde cresce globalmente mais do que o IPC (Índice de Preços ao Consumidor). A saúde segue, portanto, uma lógica contrária àquela que se verifica em outros produtos. Se normalmente, o aumento de procura e competição pressionam os preços para baixo e, muitas vezes, a qualidade para cima, na saúde acontece exatamente o inverso. Michael Porter, professor na Harvard Business School e autoridade em estratégia competitiva, no

